

As contribuições de Paulo Freire nas dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão

Andréa Kochhann¹, Thaís Tállita Ferreira Fernandes²

Resumo

Busca-se, neste artigo, apresentar as contribuições de Paulo Freire para o ensino, a pesquisa e a extensão. Trata-se dos resultados de uma pesquisa qualitativa de caráter bibliográfico. Como instrumento de coleta de dados se realizou o Estado da Arte, por meio do mapeamento de dissertações e teses dos acervos digitais de seis universidades de Goiás e São Paulo, publicadas entre 2003 e 2013. Também foram analisados três livros do autor. A parte empírica foi realizada por meio de entrevista com a então presidente do Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, Prof^a Dr^a Sandra de Deus, que socializa na entrevista seu apreço pela teoria freiriana. A pesquisa possibilitou a compreensão de que as contribuições de Freire não se restringem à alfabetização de jovens e adultos, mas ao processo ensino-aprendizagem de forma que o ensino esteja indissociado da pesquisa e da extensão universitárias.

Palavras-chave

Paulo Freire. Ensino. Pesquisa. Extensão.

1. Doutoranda em Educação na Universidade de Brasília, Brasil; professora efetiva da Universidade Estadual de Goiás, Campus São Luis de Montes Belos, Brasil; coordenadora do Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade (GEFOPI/UEG). E-mail: andreakochhann@yahoo.com.br.

2. Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade da Academia Brasileira de Educação e Cultura, Goiás, Brasil; membro do Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade (GEFOPI/UEG). E-mail: thais-tallita@hotmail.com.

The contributions of Paulo Freire in the dimensions of education, research and extension

Andréa Kochhann*, Thaís Tállita Ferreira Fernandes**

Abstract

This article seeks to present the contributions of Paulo Freire in the dimensions of teaching, research and extension. It is the result of a biographic qualitative research. The data collection instrument was the state of the art, through the mapping of dissertations and theses from the digital archives from six universities in Goiás and Sao Paulo published between 2003 and. Also, an analysis of three books by Paulo Freire was made. The empirical part was carried out with an interview with the former president of the Pro-rectors Forum for Extension in the Brazilian Public Universities, Prof^a. Dr^a Sandra de Deus, who socializes in the interview her appreciation for the Freirian theory. The research made possible the understanding that Freire's contributions are not restricted to the literacy of young people and adults, but to the teaching-learning process so that teaching is indissociated from university research and extension.

Keywords

Paulo Freire. Teaching. Research. Extension.

* PhD student in Education, University of Brasília, Brazil; tenured professor at the State University of Goiás, State of Goiás, Brazil; coordinator of the Group of Studies in Teacher Training and Interdisciplinarity (GEFOPI/UEG). E-mail: andreakochhann@yahoo.com.br.

** Specialist in Teaching Higher Education, Faculty of the Brazilian Academy of Education and Culture, State of Goiás, Brazil; member of the Group of Studies in Teacher Training and Interdisciplinarity (GEFOPI/UEG). E-mail: thais-tallita@hotmail.com.

Introdução

O ensino, a pesquisa e a extensão compõem o tripé universitário. Como essas dimensões não se apresentam significativamente como contribuições de Paulo Freire, tornou-se importante pesquisá-las nesse âmbito.

Paulo Freire não era formando em Pedagogia, mesmo assim suas contribuições para a educação foram muitas no Brasil e principalmente no exterior. Ao participarmos de algumas palestras que mostram Freire como o grande educador do Brasil surgiu o interesse em investigarmos quais suas reais contribuições para a pesquisa e para a extensão, uma vez que nos ensino elas já são conhecidas principalmente na área da alfabetização de jovens e adultos.

Dessa forma, como iniciação científica, foi efetivada a pesquisa intitulada “As contribuições de Paulo Freire nas dimensões do ensino, pesquisa e extensão”, registrada na Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, da Universidade Estadual de Goiás, com participação de acadêmicos do Grupo de Estudos em Formação de Professores e Interdisciplinaridade (GEOPI/UFG).

Visando responder ao questionamento “Quais as contribuições da teoria de Paulo Freire para o ensino, a pesquisa e a extensão?”, elaborou-se o objetivo geral que é apresentar essas contribuições. Como objetivos específicos, temos: a) apresentar a biografia de Paulo Freire, b) discursar sobre a teoria freiriana, c) arrolar as dissertações e teses sobre a teoria freiriana, d) analisar os estudos das atividades freirianas para o ensino, a pesquisa e a extensão, e) apresentar as contribuições da teoria de Paulo Freire para o ensino, a pesquisa e a extensão mediante as análises realizadas.

A pesquisa foi qualitativa de caráter bibliográfico em teóricos renomados da temática e com Estado da Arte. O Estado da Arte visou o mapeamento de dissertações e teses da

Universidade Estadual de Goiás, Universidade Federal de Goiás, Pontifícia Universidade Católica de Goiás e de São Paulo, Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Campinas, publicadas de 2003 a 2013. A forma de busca nas bibliotecas digitais, das instituições selecionadas, foi com o termo “Paulo Freire”. Objetivou-se analisar os resumos de cada dissertação e tese, organizando um quadro comparativo entre os trabalhos e as instituições.

A discussão teórica se sustentou em Gadotti (1996; 2008), Brandão (1986; 2005), Freire (2009) e outros. Ainda como pesquisa bibliográfica, realizamos a análise de três livros de Freire para mostrar suas contribuições teóricas nas dimensões do ensino, pesquisa e extensão: *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, *A importância do ato de ler: três artigos que se completam* e *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Como forma de socializar os contributos de Freire mediante a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, foi entrevistada a Prof^ª Dr^ª Sandra de Deus, que foi presidente do FORPROEX – Fórum dos Pró-Reitores de Extensão de Universidades Públicas por muitos anos e tem apreço pela teoria freiriana.

Paulo Freire, o educador do mundo

Paulo Freire nasceu em Recife, PE, em 19 de setembro de 1921, filho de Joaquim Temístocles Freire e Edeltrudes Neves Freire. Aprendeu a ler com sua mãe e escrevia com gravetos, embaixo das mangueiras, no quintal de sua casa: “fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo, não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz” (FREIRE, 2011, p. 24).

A primeira professora foi Eunice

Vasconcelos, com quem aprendeu as “sentenças”. Porém, ela não o ensinou só isso, fez parte de sua formação crítica, teve o “preocupar com a aprendizagem”, levando-o a não ser mais um mero repetidor de ideias. Paulo Freire concluiu a escola primária em Jaboatão, em seguida, fez o primeiro ano ginásial no Colégio 14 de Julho, que era, na verdade, um prolongamento do Colégio Francês Chateaubriand. Após esse primeiro ano de estudos secundários, sob a tutela do professor de matemática Luiz Soares, ingressou no Colégio Oswaldo Cruz, em Recife, Pernambuco.

Seu pai faleceu quando tinha 13 anos, momento em que as dificuldades financeiras aumentaram. Concluir seus estudos em Recife foi extremamente difícil, pois só havia escolas ginásiais privadas, era necessário encontrar um colégio que fornecesse bolsa de estudos. Encontrou o Colégio Oswaldo Cruz, no qual a única exigência do diretor era que ele fosse estudioso. Concluiu essa etapa em 1943, quando aos 22 anos ingressou na Faculdade de Direito de Recife. Enquanto cursava seus estudos universitários, se apaixonou por Elza Maria Costa Oliveira. Casaram-se em 1944 e tiveram cinco filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes.

Beisiegel (2010, p. 13) mostra a participação de Elza no processo de alfabetização criado por Freire, ao afirmar que ela “participou ativamente no desenvolvimento das primeiras experiências de Paulo Freire na educação”. Ela não era só uma expectadora das atividades desenvolvidas pelo marido, ela era partícipe de todo processo. Gadotti (1996, p. 151) mostra que “o amor que Paulo falava mostrava que Elza não era apenas a esposa, a mãe dos filhos, a amante, mas também, e com muita ênfase a companheira de luta, a companheira comprometida com o trabalho libertador”.

Em 1947, Freire formou-se em Direito, porém não atuou nessa área. Em 1959, prestou concurso e obteve o título de Doutor em

Filosofia e História da Educação, defendendo a tese “Educação e atualidade brasileira”. Em 1961, foi-lhe também conferido o certificado de livre-docente da cadeira de História e Filosofia da Educação da Escola de Belas Artes.

Brandão (2005, p. 50) relata que, em 1962, “Freire criou o Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife e foi nomeado seu primeiro diretor”. Em 1963, Freire e sua equipe foram convidados, pelo governador do Rio Grande do Norte, para aplicar o recém-criado método de alfabetização em uma região do sertão do Nordeste. Freire e o grupo alfabetizaram 300 pessoas em 45 dias, depois desse acontecimento Freire ficou conhecido nacionalmente. Depois disso, como afirma Brandão (2005), ele foi convidado, no então governo de João Goulart, pelo Ministro da Educação, Paulo de Tarso Santos, para realizar uma campanha de alfabetização para 2 milhões de pessoas, o que faria 20 mil círculos de cultura.

Em 1964, ocorreu o golpe militar no Brasil que interrompeu e reprimiu o processo de alfabetização que Freire estava realizando. Como assevera Gadotti (1996, p. 72), o processo foi reprimido “porque a Campanha Nacional de Alfabetização no Governo de João Goulart estava conscientizando imensas massas populares que incomodavam as elites conservadoras brasileiras”. Por conta disso, foi acusado de “subversivo e ignorante” e passou 75 dias na prisão. Como enfatiza Gadotti (1996), Freire se sentiu ameaçado pelo governo. Ele teve de sair de Recife e ir duas vezes ao Rio de Janeiro depor em inquérito policial-militar. Então, em setembro de 1964, com apenas 43 anos de idade Freire foi obrigado a asilar-se na embaixada da Bolívia. Logo após Freire buscar asilo na Bolívia, ocorreu o golpe do estado naquele país. Então, ele foi para o Chile. Iniciou uma nova etapa de sua vida. De 1964 a 1969, trabalhou como assessor do Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e do Ministério da Educação do Chile e como consultor da

UNESCO. Participou de várias reformas feitas no governo chileno, de 1964 a 1969, contribuindo para sua obra.

Ainda em 1969, foi convidado para lecionar nos Estados Unidos e trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas. Freire era reconhecido pelo mundo a fora, mas não podia entrar em seu próprio país porque seu “passaporte” lhe fora negado pelos representantes do poder militar. Conseguiu retornar ao Brasil em 1980 por conta do processo de redemocratização e da Lei da Anistia.

Em outubro de 1986, sua esposa Elza faleceu. Tal acontecimento o abateu até março de 1988, ano em que se casa com Ana Maria Araújo Hasche, a Nita. A partir do acontecido, Freire deu início a uma nova etapa em sua vida. Em maio de 1991, voltou a escrever e também à docência da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, no Programa de Supervisão e Currículo do curso de pós-graduação. Voltando a escrever, escreveu cinco obras consecutivas: *A educação na cidade* (1991), *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* (1992), *Política e educação* (1993), *Professora sim, tia não* (1993), *Cartas a Cristina* (1994), *À sombra desta mangueira* (1995) e *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (1996).

Freire reuniu diversos prêmios, títulos, homenagens, medalhas, até escolas e instituições com seu nome, foi-lhe outorgado o título de “Doutor Honoris Causa” em 39 universidades espalhadas pelo Brasil e no mundo, de “Professor Emérito” e presidente honorário de vários centros de educação. O que nos faz pensar que em toda sua vida buscou levar a paz através da educação. Paulo Freire faleceu no dia 2 de maio de 1997, no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, vítima de um infarto agudo do miocárdio.

Infere-se que Freire foi o educador para educação popular. Ele foi essencial para a classe oprimida conseguir a alfabetização e conscientização. Seu legado é imenso, sendo

possível reinventá-lo em diversos contextos. Apesar de suas obras terem sido escritas alguns anos atrás, continuam atuais, pois era um homem do seu tempo, mas a frente desse tempo.

Paulo Freire nas dimensões do ensino, da pesquisa e da extensão: Estado da Arte e análises empíricas

Levando em conta o objetivo desse artigo, é preciso compreender como ocorre a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Compreende-se que ensino é o ato ou a ação de ensinar, esta no sentido amplo de ensinar, ou seja, o processo de ensinar e aprender. No dicionário, Ferreira (2009, p. 352) conceitua ensino como sendo “1- A transmissão de conhecimentos; instrução; 2- Os métodos empregados no ensino”.

Demo (2006, p. 14) aponta que “quem ensina carece pesquisar, quem pesquisa carece ensinar. Professor que apenas ensina jamais o foi. Pesquisador que só pesquisa é elitista explorador, privilegiado e acomodado”. Discurso corroborado por Freire (2010, p. 29) ao afirmar que para a realização do ensino é condição determinante a pesquisa e, que

Fala-se hoje, com insistência, no professor pesquisador. No meu entender o que há de pesquisador no professor não é uma qualidade ou uma forma de ser ou de atuar que se acrescente à de ensinar. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O de que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma, porque professor, como pesquisador.

Dessa forma, para Demo (2006, p. 51), a indissociabilidade entre ensino e pesquisa é inevitável, pois “o importante é compreender que sem pesquisa não há ensino. A ausência de pesquisa degrada o ensino a

patamares típicos da reprodução imitativa”.

Já a extensão é conceituada como “o processo educativo, cultural e científico que articula o ensino e a pesquisa, de forma indissociável, e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a sociedade” (FORPROEX, 1997). Assim, o ensino advindo da pesquisa e expandido por meio da extensão configura a indissociabilidade do conhecimento. Severino (2007, p. 28) assegura que “o conhecimento se produz, se reproduz, se conserva, se sistematiza, se organiza, se transmite e se universaliza”. A extensão junto à pesquisa é de suma importância para alcançar a sólida produção do conhecimento.

Conceituados ensino, pesquisa e extensão, podemos, então, conceituar o estado da arte, e em seguida discorrer a forma como foi realizada esse tipo de pesquisa e os resultados obtidos. De acordo com Ferreira (2002), nas duas últimas décadas, no Brasil e em outros países, tem se produzido um conjunto significativo de pesquisas conhecidas pela denominação “estado da arte” ou “estado do conhecimento”, definidas como

de caráter bibliográfico, elas parecem trazer em comum o desafio de mapear e de discutir uma certa produção acadêmica em diferentes campos do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações

em anais de congressos e de seminários (FERREIRA, 2002, p. 258).

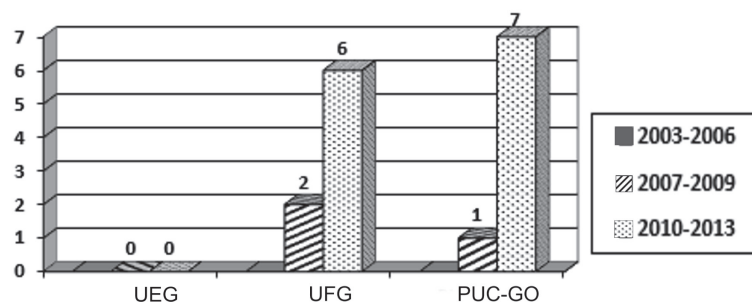
Para nossa pesquisa, foram escolhidas as seguintes universidades: Universidade Estadual de Goiás (UEG)³, Universidade Federal de Goiás (UFG), Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO) e de São Paulo (PUC-SP), Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Utilizamos para análise o resumo, o sumário e a introdução das dissertações e teses referentes à teoria freiriana publicadas de 2003 a 2013. Para procura e refinamento de pesquisa, em todos os acervos digitais das universidades citadas, foi utilizado o descritor “Paulo Freire”.

Era importante analisar se os trabalhos efetivados refletiam mais o ensino, a pesquisa ou a extensão. Mediante o gráfico é possível afirmar que as três instituições goianas pesquisadas realizavam investigações abordando temas de Paulo Freire mais voltados para a dimensão da pesquisa. Em segundo lugar, na dimensão do ensino, e pouco na dimensão da extensão.

Podemos afirmar que as instituições pesquisadas não tinham nenhum trabalho na área entre 2003 e 2006. Entre os anos de 2007 e 2009, a UFG teve dois trabalhos e a PUC-GO teve um. Já entre 2010 a 2013, a UFG teve seis trabalhos, enquanto que a PUC-GO cresceu para sete trabalhos conforme pode ser visualizado no Gráfico 1. Ressaltamos que a UEG não possuía biblioteca digital, não sendo possível tabular seus dados.

3. Quanto ao estado da arte da UEG não foram encontradas dissertações e teses. A instituição ainda não contava com uma biblioteca digital e os cursos de mestrados que tratam da educação são poucos. O Programa de Mestrado em Educação, especificamente, tinha apenas uma única turma formada até o momento da finalização da pesquisa, em dezembro de 2014. Na época, a UFG não oferecia programa de doutorado

Gráfico 1 – Quantidade de produções referentes a Paulo Freire no estado de Goiás no decorrer de 2003 a 2013.

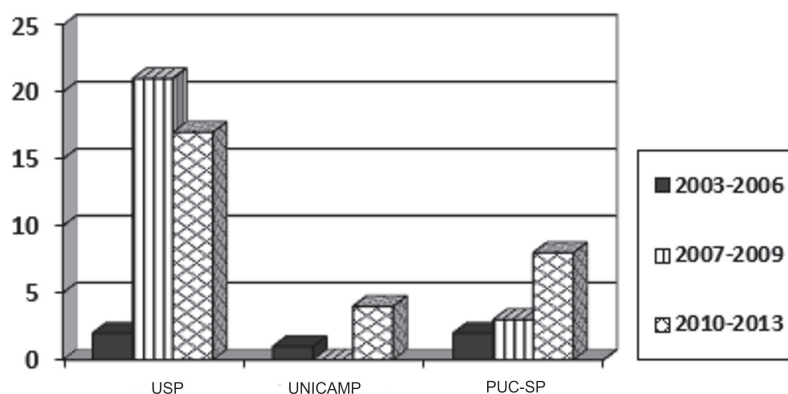


Fonte: As autoras (2018).

Conforme a visualização pelo Gráfico 2, as instituições do Estado de São Paulo têm se dedicado à dimensão da pesquisa e do ensino. Contudo, a extensão demonstrou fazer parte do cenário de investigação. Com base no período de análise, pode-se afirmar que as instituições paulistas tiveram trabalhos na área entre 2003 e 2006, apesar de ser um número baixo.

Entre os anos de 2007 e 2009, a UNICAMP não pesquisou na área, enquanto que a USP deu salto significativo de pesquisas na temática. Já entre 2010 e 2013, a UNICAMP e a PUC-SP aumentaram o número de pesquisas na área, enquanto que a USP teve uma pequena queda, porém esta instituição se destaca em número geral de trabalhos, conforme pode ser visualizado no Gráfico 2.

Gráfico 2 – Quantidade de produções referentes a Paulo Freire em São Paulo no decorrer de 2003 a 2013.



Fonte: As autoras (2018).

Pelas análises realizadas no tocante às instituições de São Paulo, afirma-se que as intensidades dos trabalhos realizados, na temática de Paulo Freire, foram de 2010 em diante na UNICAMP e na PUC-SP, tendo a USP uma pequena queda, conforme demonstrou o Gráfico 2. Os dados demonstram um interesse em pesquisas nessa temática.

Salienta-se que as análises foram realizadas com base em investigações de dissertações e teses. Apesar do número de trabalhos ser menor na dimensão da extensão, infere-se que é uma temática que está entrando no cenário brasileiro com mais afinco. O que se concluiu é que as temáticas sobre pesquisa, ensino e extensão passam, cada vez mais, a fazer parte do ideário de investigação dos pesquisadores do estado de Goiás e São Paulo.

Sabemos que Paulo Freire em toda sua vida escreveu mais de 40 livros retratando o contexto social e a diversidade existente na época. Escrevia o que vivia, suas lutas, suas práticas e suas pesquisas. Ao passo que, quando realizava suas palestras e suas intervenções

sociais, praticava a extensão e o ensino, os quais foram sendo cada dia realizados de forma mais significativa, tanto para ele quanto para as pessoas envolvidas com seus projetos.

Com base nas leituras dos livros freirianos, escolheu-se três deles para apontar suas contribuições no ensino, na pesquisa e na extensão. Para melhor compreensão, elaborou-se um quadro para mostrar que, à medida que escrevia, ele mostrava traços desse tripé, comprovando que ser o educador da indissociabilidade. Os três livros analisados foram *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, último livro publicado, em 1996, e o mais vendido; *A importância do ato de ler: três artigos que se completam*, publicado em 1982, e escolhido porque era o objetivo da teoria e do método freiriano; *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*, publicado em 1976, e escolhido porque trata das ideias de Freire sobre a ação cultural com o imperialismo cultural.

Abaixo estão os quadros resumidamente apontando para as áreas pesquisadas.

Quadro 1 – Livro *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*.

Pg.	Contribuições no ensino
22	Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção.
23	Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro.
23	Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém.
23 -24	Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar.
24	Quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender [...].
27	Sua tarefa docente não era apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo.
27 e extensão	O intelectual memorizador, que lê horas a fio, domesticando-se ao texto, temeroso de arriscar-se [...].

28 e pesquisa	Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico [...].
29 e pesquisa	Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino.
29 e pesquisa	Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago.
34	O professor que realmente ensina, quer dizer, que trabalha os conteúdos no quadro da rigorosidade do pensar certo, nega, como falsa, a fórmula farisaica do “faça o que mando e não o que faço”.
43 e 44	Fala-se quase exclusivamente do ensino dos conteúdos, ensino lamentavelmente quase sempre entendido como transferência do saber [...].
47	Saber que ensinar não é transferir conhecimento [...].
56	O educador que, ensinando geografia, “castra” a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos [...].
62	Saber que devo respeito à autonomia, à dignidade e à identidade do educando [...].
69	A nossa capacidade de aprender, de que decorre a de ensinar, sugere ou, mais do que isso, implica a nossa habilidade de aprender a substantividade do objeto aprendido [...].
84	“Programados para aprender” e impossibilitados de viver sem a referência de um amanhã, onde quer que haja mulheres e homens há sempre o que fazer, há sempre o que ensinar, há sempre o que aprender.
85 e pesquisa	Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino.
86	O bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o aluno até a intimidade do movimento de seu pensamento. [...]
94	Ensinar e, enquanto ensino, testemunhar aos alunos o quanto é fundamental respeitá-los e respeitar-me são tarefas que jamais me dicotomizei.
95	O ensino de conteúdos implica o testemunho ético do professor.
95	Não posso ensinar o que não sei.
Pg.	Contribuições na pesquisa
25	Quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender tanto mais se constrói e desenvolve o que venho chamando “curiosidade epistemológica”, sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto.
26 e ensino	Faz parte das condições em que aprender criticamente é possível a pressuposição por parte dos educandos de que o educador já teve ou continua tendo experiência da produção de certos [...].
29 e extensão	Pesquisa para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.

57	A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca.
77	A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade.
Pg.	Contribuições na extensão
72 e pesquisa	A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria.

Fonte: As autoras (2018).

Nesse livro, Freire mostra uma de suas principais contribuições no fazer docente, mostrando sobre o ensino principalmente, ou seja, o que fazer ao ensinar. Por conseguinte, aponta sobre a pesquisa e a partir dela realiza a extensão.

Freire (2010, p. 29) ressalta: “pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade”. Salientamos que Freire ao ensinar conscientiza sobre o pesquisar, lembrando que os homens são seres inacabados.

Quadro 2 – Livro *A importância do ato de ler: três artigos que se completam*.

Pg.	Contribuições no ensino
11	Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro negro; gravetos, o meu giz.
11	A leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais significou uma ruptura com a “leitura” do mundo. Com ela, a leitura da palavra foi a leitura da “palavra mundo”.
12	Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memoriza-la, de fixá-la[...].
13	Ensino [...] enquanto ato de conhecimento e ato criador, o processo da alfabetização tem, no alfabetizando, o seu sujeito [...].
13 e pesquisa	A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. Aí tem ele um momento de sua tarefa criadora.
15 e 16	É tão impossível negar a natureza política do processo educativo quanto negar o caráter educativo do ato político [...]. O que temos de fazer, então, enquanto educadoras ou educadores, é aclarar, assumindo a nossa opção, que é política, e sermos coerentes com ela, na prática.
17	Só educadoras e educadores autoritários negam a solidariedade entre o ato de educar e o ato de serem educados pelos educandos [...].
17	Na verdade, para que a afirmação “quem sabe, ensina a quem não sabe” se recupere de seu caráter autoritário, é preciso que quem sabe, saiba sobretudo que ninguém ache tudo e que ninguém tudo ignora.

24	A alfabetização de adultos enquanto ato político e ato de conhecimento, comprometida com o processo de aprendizagem da escrita e da feitura da palavra [...].
26 e pesquisa	[...] capacidade crítica dos alfabetizados enquanto sujeitos do conhecimento, desafiados pelo objeto a ser conhecido. É exatamente a experiência sistemática desta relação que é importante. A relação do sujeito que procura conhecer com o objeto a ser conhecido.
Pg.	Contribuições na pesquisa
11	Não eram aqueles momentos “lições de leitura”, no sentido tradicional desta expressão. Eram momentos em que os textos se ofereciam à nossa inquieta procura, incluindo a do então jovem professor José Pessoa.
13 e ensino	A pesquisa do que chamava universo vocabular nos dava assim as palavras do Povo, grávidas de mundo [...].
15	A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca.
19	[...] se antes os textos geralmente oferecidos como leitura aos alunos escondiam muito mais do que desvelavam a realidade, agora, pelo contrário, a alfabetização como ato de conhecimento, como ato criador e como ato político é um esforço de leitura do mundo e da palavra.
19	Agora já não é possível texto sem contexto.
19 e ensino	Se antes raramente os grupos populares eram estimulados a escrever seus textos, agora é fundamental fazê-lo [...].
20	[...] ora buscando o adestramento crítico no texto, procurando apreender a sua significação mais profunda [...].
21	É claro que uma pesquisa como esta demanda uma metodologia [...] que implique aquele reconhecimento acima referido, o do Povo como sujeito do conhecimento de si mesmo.
23	Compreensão crítica que se vai gerando na prática mesma de participar e que deve ser incrementada pela prática de pensar a prática.
	A relação do sujeito que procura conhecer com o objeto a ser conhecido.
Pg.	Contribuições na extensão
13	Inicialmente me parece interessante reafirmar que sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador.
13	Daí que sempre tenha insistido em que as palavras com que organizar o programa da alfabetização deveriam vir do universo vocabular dos grupos populares.
19 ensino e pesquisa	O em que se distinguem, é na concepção – e na sua posta em prática – da biblioteca.
25 e ensino	Me revejo [...] visitando os Círculos de Cultura, da zona rural ou urbana, acompanhado sempre de meus amigos, os coordenadores da campanha ou do programa de alfabetização de adultos [...].

Fonte: As autoras (2018).

Freire insere o modo como foi alfabetizado embaixo de uma mangueira para lembrar-nos do modo de ensinar. Freire ao apontar o ensino remete à pesquisa e assim

reciprocamente, da mesma forma na extensão é possível entender o que é ensino. Mostrando novamente que eles são indissociáveis.

Quadro 3 – Livro *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*.

Pg.	Contribuições no ensino
9-10	Isto é, precisamente, o que a “educação bancária” não estimula [...].
13	[...] a alfabetização, assim, se reduz ao ato mecânico de “depositar” palavras, sílabas e letras nos alfabetizando [...].
14	As cartilhas, por boas que sejam, do ponto de vista metodológico ou sociológico, não podem escapar, porém, a uma espécie de “pecado original” [...].
14	Em geral, porém, tanto as palavras quanto os textos das cartilhas nada têm que ver com a experiência existencial dos alfabetizados [...].
16	Mais que escrever e ler que a “asa é da ave”, os alfabetizados necessitam perceber a necessidade de um outro aprendizado [...].
18	[...] sejam buscadas em seu “universo vocabular mínimo”, que envolve sua temática significativa.
23	Assim, somente a alfabetização que, fundando-se na prática social dos alfabetizados, associa a aprendizagem da leitura e da escrita [...].
42	A experiência nos ensina que nem todo óbvio é tão óbvio quanto parece [...].
48	Analfabetos ou não, os oprimidos, enquanto classe, não superarão sua situação de explorados a não ser com a transformação radical, revolucionária [...].
48	[...] o processo de alfabetização reforça a mitificação da realidade, fazendo-a opaca e embotando a consciência dos educandos com palavras e frases alienadas.
49	Para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo [...].
49	Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem.
50 e pesquisa	[...] O ato de conhecer envolve um movimento dialético que vai da ação à reflexão sobre ela e desta a uma nova ação [...].
55	O primeiro tipo de educador [...] é um sujeito de conhecimento, face a face com outros sujeitos de conhecimento. Jamais pode ser um memorizador [...].
55	[...] As codificações, através de que se faz a problematização da realidade, trazem em si a palavra geradora a elas referida ou a algum de seus aspectos.
60 e extensão	Uma pedagogia utópica da denúncia e do anúncio tem de ser um ato de conhecimento da realidade denunciada, ao nível da alfabetização ou da post-alfabetização [...].
60	Quanto mais a problematização avança e os sujeitos descodificadores se adentram na “intimidade” do objeto, tanto mais se vão tornando capazes de desvelá-la [...].

61	Voltando à alfabetização, insistiremos em reafirmar que jamais tornamos a palavra como algo estático ou desconectado da realidade concreta dos alfabetizados [...].
81	[...] a transferência de conhecimento, que implica sempre na existência de um polo que sabe e na de outro que nada sabe.
87	De fato, ler, como um ato de estudar, não é um simples passatempo, mas uma tarefa séria, em que os leitores procuram clarificar as dimensões opacas de seu estudo [...].
87	[...] os educadores são os possuidores do conhecimento, enquanto os educandos são como se fossem “vasilhas vazias” [...].
89	Isto é exatamente o que caracteriza a educação “domesticadora”, mas não a de caráter libertador [...].
90	[...] a educação para a libertação é um ato de conhecimento e um método de ação transformadora que os seres humanos devem exercer sobre a realidade.
92	[...] tem de propor aos educandos que também “morram” enquanto exclusivos educandos do educador para que renasçam como educandos-educadores do educador-educando.
93	Perpetuando a escola como instrumento de controle social, dicotomizando ensinar de aprender [...].
99	É que, no fundo, uma das radicais diferenças entre a educação como tarefa dominadora, desumanizante [...].
99	No primeiro caso, o caráter ativo, captador do conhecimento existente, que tem a consciência, é negado [...].
101	Não são raros os educadores para quem “educar é adaptar o educando a seu meio” e a escola, em regra, não vem fazendo outra coisa senão isto.
110	A educação libertadora não pode ser a que busca libertar os educandos de quadros-negros para oferecer-lhes projetores [...].
Pg.	Contribuições na pesquisa
9	Estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica, sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a.
11	Estudar é também e sobretudo pensar a prática e pensar a prática é a melhor maneira de pensar certo. [...] A de quem pergunta, a de quem indaga, a de quem busca.
17 e extensão	A fundamentação teórica da minha prática, por exemplo, se explica ao mesmo tempo nela, não como algo acabado, mas como um movimento dinâmico em que ambas, prática e teoria, se fazem e se re-fazem.
18 e extensão	Mas a compreensão da unidade da prática e da teoria, no domínio da educação, demanda a compreensão, também, da unidade entre a teoria e a prática social que se dá numa sociedade.
43	A alfabetização de adultos deve ser vista, analisada e compreendida desta forma [...].
51 e ensino	Como um ato de conhecimento, o processo de alfabetização implica na existência de dois contextos dialeticamente relacionados [...].

53	No processo de descodificar representações de sua situação existencial e de perceber sua percepção anterior dos mesmos fatos, os alfabetizandos [...].
54	A capacidade que têm os educandos de conhecer em termos críticos – de ir mais além da mera opinião [...].
55	Para que o diálogo seja o selo do ato de um verdadeiro conhecimento é preciso que os sujeitos cognoscentes tentem apreender a realidade cientificamente no sentido de descobrir a razão de ser [...].
86	Conhecer, que é sempre um processo, supõe uma situação dialógica. Não há estritamente falando um “eu penso”, mas um nós pensamos” [...].
96	Nenhum tema é apenas o que aparece na forma lingüística que o expressa. Há sempre algo mais oculto, mais profundo, cuja explicitação se faz indispensável à sua compreensão geral [...].
115	No seu novo aprendizado com o povo não há outro caminho senão a “travessia” “entre” a subjetividade e a objetividade [...].
Pg.	Contribuições na extensão
28	A prática nos tem demonstrado, a todos os que temos participado de trabalhos como este, a importância e a riqueza do discurso dos alfabetizandos, ao analisar sua realidade representada na codificação.
36	Finalmente, a ação cultural como a entendemos não pode, de um lado, sobrepor-se à visão do mundo dos camponeses e invadi-los culturalmente; de outro, adaptar-se a ela [...].
49 e pesquisa	[...] A unidade entre prática e teoria, ação e reflexão, subjetividade e objetividade, vai sendo compreendida, em termos corretos, na análise daquelas relações antes mencionadas.
50	Ao ser uma reflexão crítica de ambos, educador-educando e educando-educador, o processo de alfabetização deve relacionar o ato de transformar o mundo com o ato de “pronunciá-lo” [...].
51 e ensino	[...] Neste sentido, nos Círculos de Cultura, os alfabetizandos se engajam na prática da teoria de sua prática.
53	Na medida, porém, em que a introjeção dos valores dos dominadores não é um fenômeno individual mas social e cultural, sua extrojeção [...].
60	[...] E não porque a codificação seja, na verdade, estranha a ela, pelo contrário, recusam-na precisamente porque a reflete.
66	[...] Desta forma, “consciência de” e “ação sobre” a realidade são inseparáveis constituintes do ato transformador pelo qual homens e mulheres se fazem seres de relação.
67	Esta dimensão crítica da consciência explica as finalidades de que as ações transformadoras dos seres humanos sobre o mundo estão impregnadas [...].
80	Sua capacidade de dialogar, de comunicar-se, de submeter sua prática diária a uma constante reflexão crítica levaram-no a ter, no seu acampamento guerrilheiro [...].
109 e pesquisa	É preciso, contudo, salientarmos que a práxis, através da qual a consciência se transforma, não é pura ação, mas ação e reflexão [...].

Fonte: As autoras (2018).

Freire nesse livro apresenta a “alfabetização” daquela época e como ela deveria ser. Assim, em diversos pontos, reflete sobre a pesquisa e a extensão, mostrando a indissociabilidade entre elas, sendo necessário pesquisar e em seguida ter uma prática. A ação para a liberdade deve estar relacionada à realidade do aprendiz, desse modo ele sempre irá buscar e recriar seu aprendizado.

Com base nas análises literárias percebe-se que, em três de seus livros, Freire contribuiu para o ensino de forma significativa, mostrando que não tem o que ensinar quem não pesquisa e que com a pesquisa ensina-se e realiza-se a extensão. Tendo frisado sempre que o ensinar exige que o educador pesquise e que a missão maior do educador é a transformação social, que pode vir pelas vias da extensão.

Paulo Freire nas dimensões do ensino, pesquisa e extensão: à luz da concepção de Sandra de Deus

A Prof^ª. Dr^ª. Sandra de Fátima Batista de Deus é Doutora em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). No momento da pesquisa, ocupava o cargo de Pró-reitora de Extensão da UFRGS.

A conversa com ela aconteceu no dia 18 de setembro de 2014, em Rosário, Argentina, durante o VI Congresso Nacional de Extensão Universitária. Evento esse no qual as autoras participaram com a apresentação de um projeto de extensão universitária. Ao final de uma conferência proferida pela referida professora, foi explicado o projeto de pesquisa e solicitada uma conversa no estilo de entrevista, a qual foi aceita de imediato. Aproveitou-se para pedir cópia do texto utilizado para proferir a conferência. De pronto atendimento a professora entregou o texto original, autorizando o direito de divulgá-lo.

A conversa realizada foi uma forma de contribuir com a pesquisa e não um instrumento de dado que viesse validar a mesma, pois não houve entrevista com outras pessoas. Uma entrevista, sozinha, não pode ser tratada como porta voz da história, em suas dimensões macro e microestruturais, da sociedade, da produção científica, de Paulo Freire, seus colaboradores e seu legado. Foi no calor do evento que ocorreu a possibilidade de ouvir a professora no sentido de que a mesma socializasse seu conhecimento em relação a Freire, considerando sua experiência a frente de um órgão tão importante para o trabalho da extensão, vinculado à pesquisa e ao ensino.

O primeiro questionamento feito foi como ela definiria Paulo Freire. Sem muito pensar e com sorriso no rosto, a professora respondeu:

Bom, para mim Paulo Freire é um ídolo, um herói. Assim ele nos ensinou muito. Tudo que aprendi na extensão universitária e na minha prática docente foi inspirado em Paulo Freire. E hoje um dos grandes seguidores de Paulo Freire é Oscar Jará. Eu sigo muito Oscar Jará, que trabalha com Freire, com a concepção freiriana. Sou seguidora de Paulo Freire.

Com a extensão, realizam-se as atividades sociais da universidade, sendo então necessário o docente e o discente passarem pelas vias do ensino e concomitantemente da pesquisa. Assim, referiu-se ao trabalho de Paulo Freire. Pode-se afirmar que ele caminhou pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão. Não somente Freire caminhou por essas dimensões, como também seus seguidores, como Sandra de Deus.

A relação universidade/sociedade não pode ser uma junção de duas importantes palavras. Um discurso competente e bem elaborado. Exige fortalecimento de parcerias entre os poderes públicos federal, estaduais e municipais, visando a implementação de políticas públicas que integrem as universidades na superação da pobreza e promoção do desenvolvimento sociocultural. (DEUS, 2014, p. 9).

O segundo questionamento foi sobre como Paulo Freire contribuiu para a extensão brasileira. Imediatamente a professora respondeu:

Na verdade, a extensão brasileira, depois de todo processo que passou nos anos da ditadura, vem caminhando ainda, dentro das concepções freirianas. Nessa relação, que não é uma relação bancária, pois o ensino não é bancário, tendo uma relação que respeita o outro, que reconhece a alteridade, que aprende com o outro. Isso tudo foi Paulo Freire que nos ensinou.

De 1960 até os dias atuais, sempre se fala em Freire, em sua teoria, em seu método, seus apontamentos à educação. Assim, ao pensar na educação é preciso pensar numa educação que leve o indivíduo a buscar autonomia. Não uma educação que transmita conhecimentos e sim uma educação que leve a uma nova leitura de mundo e a um ensino para a vida. Sobre isso Deus (2014, p. 2) afirma que, nas décadas de 1960 e 1970,

A “prática sócio-comunitária”, conforme era definida a extensão universitária naquele período, passou a ser desenvolvida nas universidades de forma eventual, não fazia parte do currículo universitário e se encontrava distante das questões cotidianas. Configurava-se como local onde se depositava tudo aquilo que não era considerado ensino e nem pesquisa.

O terceiro questionamento foi sobre como Paulo Freire contribuiu para o ensino brasileiro. A professora respondeu

Exatamente nesse sentido que Paulo Freire disse que a educação não pode ser uma educação bancária. É evidente que nós ainda temos uma educação bancária, mas precisamos avançar muito na educação. Mas, nós temos um grupo muito grande hoje no Brasil que trabalha com a educação freiriana

e que faz um trabalho excelente. Realiza encontros... Por exemplo, agora recentemente teve o FREPOP (Fórum de Educação Popular) que só trabalha com Paulo Freire. Esse pessoal está espalhado no Brasil inteiro, trabalhando pela educação.

A educação popular é um tema discutido em diversos encontros de educação. Desde 2003, o FREPOP discute com educadores a essência da teoria de Paulo Freire. Como metodologias utilizam cirandas de mobilização e organização, rodas de conversa e espaços online, de forma semelhante às utilizadas por Freire. O FREPOP tem como objetivo uma educação popular transformadora de pessoas, que leve o indivíduo à busca da justiça e da igualdade, respeitando diferenças e diversidades.

O quarto questionamento foi sobre como Paulo Freire contribuiu para pesquisa brasileira. Novamente com sorriso no rosto, Sandra de Deus responde:

Sim, exatamente quando Paulo Freire diz que a universidade, ou seja, que a educação brasileira deve ter compromissos com a sociedade, compromisso com o outro. Ele dá um tom e diz que a pesquisa tem necessariamente que ter compromisso. Essa pesquisa não pode ser nada solta de mim e pra mim mesma. Tem que ter uma finalidade, ter um resultado para que atenda o outro ou as demandas. Na minha fala, hoje na palestra, eu falei um pouco das mazelas e das riquezas e, é isso que Paulo Freire nos dizia. No fundo, sem ter mencionado pesquisa, ele dizia que as pesquisas têm que trabalhar pra reduzir a pobreza, a miséria e as mazelas.

A pesquisa precisa ter sentido, não há necessidade de pesquisar o que já tem resposta. Pesquisa-se para melhorar e ter uma utilidade para a sociedade. Freire sempre buscou pesquisar e realizar a extensão de suas pesquisas para melhorar a realidade de pessoas que viviam na pobreza. O que se busca então com estudos dentro ou fora da universidade é

pesquisa e agir, como, segundo Freire, melhorar a vida das pessoas.

O quinto questionamento foi se Paulo Freire pode ser considerado um educador da indissociabilidade entre pesquisa, ensino e extensão. Rapidamente, a professora respondeu: “Totalmente, Paulo Freire é o educador da extensão, do ensino e da pesquisa”.

Associa-se à teoria e prática de Paulo Freire – enquanto um extensionista, educador e pesquisador – o conceito de “professor do futuro”:

pesquisador, formulador de proposta própria, sabe fazer a prática, atualiza-se permanentemente, visa a instrumentalização eletrônica, torna-se interdisciplinar, o professor universitário investe em mestrado acadêmico, o professor básico precisa saber pensar (DEMO, 2004, p. 87).

Corroborando com Demo (2004) quanto ao perfil do professor do futuro ser aquele que pesquisa para ensinar e realizar a extensão dos conhecimentos à comunidade, Deus (2014, p. 8) aponta que

A indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão se bem pensada se assegura apenas sobre uma estrutura. A estrutura da extensão universitária. Senão vejamos: tem pesquisador que pesquisa e que ensina. Tem quem dentro da universidade que só atue no ensino. Agora quem faz extensão também pesquisa e ensina.

Afirma-se que Freire é reconhecido como um grande educador e não meramente professor, porque foi extensionista. Como extensionista, ele foi exímio pesquisador e professor. Portanto, Freire é o símbolo da pesquisa, ensino e extensão indissociáveis.

O tripé da universidade é a pesquisa, o ensino e a extensão, porque para fazer extensão significa que se pesquisou e por isso ensina (DEMO, 2006). O perfil de profissional que Freire representa é o perfil que Demo (2004)

discute como sendo o professor do futuro. Um futuro que já está presente.

Freire indiscutivelmente foi o educador do mundo, reconhecido não somente em vários países, mas em vários departamentos e áreas do saber. Seu conhecimento revestido por sua sabedoria e humildade, mostrou ao mundo como deve ser um educador.

Considerações finais

A pesquisa proporcionou o entendimento que além de ser extensionista, pesquisador e educador, Freire se tornou fonte de inspiração para diversos pesquisadores renomados, entre eles Carlos Rodrigues Brandão, Moacir Gadotti, Oscar Jará Holliday, Sandra de Deus, Ana Freire, José Eustáquio Romão, Celso de Rui Beisiegel. Assim, o legado de Freire continua vivo.

Com o Estado da Arte, se evidenciou quais universidades pesquisam mais sobre Paulo Freire e sobre para qual área os escritos e ideias desse educador vem contribuindo: pesquisa, ensino ou na extensão. Possibilitou a compreensão de que as universidades têm se dedicado mais nos últimos anos a pesquisar sobre a teoria freiriana e que a reflexão é mais na dimensão da pesquisa e do ensino. Contudo, a dimensão da extensão também tem apresentado sinais de crescimento. Levando em conta o conceito de extensão, é necessária primeiramente a pesquisa para então se ter a extensão. Outro resultado considerável é que as instituições pesquisadas realizam estudos na temática. Isso denota que a teoria de Paulo Freire é interesse de muitos estudiosos e instituições do ensino superior. Espera-se que nos próximos anos os resultados sejam mais equânimes nas três dimensões.

Por meio da análise dos livros ficou ainda mais claro que Freire, ao escrevê-los, escrevia sua prática. Sendo essa prática, incentivadora e inspiradora a diversos educadores a realizar a extensão. Toda obra que Freire escreveu passou a ser símbolo de pesquisa. Essas obras

são sinônimas de suas ações extensionistas ou práticas de ensino. Interessante que uma mesma obra pode ser associada à pesquisa, à extensão e/ou ao ensino, configurando o caráter de indissociabilidade. Pela socialização de Sandra de Deus é possível entender como ocorrem a indissociabilidade e interdisciplinaridade freiriana.

As considerações alcançadas no decorrer da pesquisa, coadunam às contribuições freirianas: a) no ensino, ressaltando o que deve ser feito no ato de ensinar e o que não se deve fazer; b) na extensão, Freire mostrou que não se realiza extensão sem pesquisar e que ela, para

ter sentido assim como a pesquisa, precisa ter significado para a sociedade; c) na pesquisa, contribuiu com sua teoria e com seu legado para ser estudado, além de sempre mostrar que o professor deve ensinar instigando a pesquisa ao aluno.

Após o percurso realizado e as considerações aqui apresentadas, pode-se perguntar se Freire realizou a transdisciplinaridade pela indissociabilidade ensino, pesquisa e extensão? Como afirma Santos Filho e Gamboa (2002), um pesquisador não consegue responder a um problema sem criar pelo menos outros dez. Eis a possibilidade de uma nova pesquisa.

Referências

BEISIEGIL, C. de R. **Paulo Freire**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010. 128 p. (Coleção Educadores).

BRANDÃO, C. R. **Paulo Freire, educar para transformar**: fotobiografia. São Paulo: Mercado Cultural, 2005. 140 p.

DEMO, P. **Pesquisa**: princípio científico e educativo. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 128 p.

_____. **Professor do futuro e reconstrução do conhecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. 111 p.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio**: o dicionário da língua portuguesa. 7. ed. Curitiba: Positivo, 2009. 2.120 p.

FERREIRA, N. S. de A. As pesquisas denominadas “estado da arte”. **Educação & Sociedade**, Campinas, Ano 23, n. 79, ago. 2002.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 51. ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 2011. 102 p.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. 149 p.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2010. 144 p.

GADOTTI, M. (Org.) **Paulo Freire**: uma biobibliografia. São Paulo: Cortez, 1996. 740 p.

PDI – **Plano de Desenvolvimento Institucional 2010-2019**. Governo do Estado de Goiás Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia Universidade Estadual de Goiás. Anápolis, 2010.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007. 304 p.

Submetido em 7 de abril de 2018.

Aprovado em 2 de julho de 2018.